

A alteração dos paradigmas demográficos e o prolongamento do ciclo de vida das pessoas alarga grandemente a necessidade de novas oportunidades e novas sinergias, especialmente, no domínio sociopedagógico. Compreender a sociedade presente requer um esforço empenhado face à celeridade das mutações económicas, ao progresso da ciência e às novas tecnologias e, mormente, sobre as atitudes perante as pessoas idosas.

A singularidade da nossa era

É facto que a “anciania é uma idade objectivamente nova” (Pereira, 1999, p. 14), porquanto se trata de um fenómeno que irrompe de forma inalterável no devir do século passado. A propósito do envelhecimento da população portuguesa, há quem afirme ser o século vinte “o século de modernização demográfica portuguesa” (Rosa & Vieira, 2003, p. 119). Com efeito, foi o desequilíbrio entre os níveis de natalidade e de mortalidade que mudaram a dinâmica populacional e que inibiram o crescimento natural das populações. Um processo inédito que faz aumentar progressivamente o número de pessoas idosas e que nos prolonga a vida por mais anos.

Mas, à medida que conquistamos mais anos à morte, as relações intergeracionais tendem a fragilizar-se. Problemas de legitimidade social, de participação e de reconhecimento geram vulnerabilidades e desencantos crescentes que interpelam de forma decisiva as políticas sociais contemporâneas, enquanto instrumentos de intervenção idóneos para proporcionar o bem-estar e protecção social aos cidadãos em situação de risco social, nomeadamente, no que respeita às medidas de carácter sociopedagógico. Alimentar uma sociedade multigeracional pujante e equitativa requer empenho e um compromisso autêntico no sentido de gerar atitudes positivas e facilitadoras de um clima interpessoal de cordialidade e de amizade (Palmeirão, C., 2008, p. 83). Nesse horizonte, é preciso desenvolver uma matriz que reconheça e assegure, tal como proclama a Declaração Universal dos Direitos Humanos, *“um ideal comum a atingir por todos os povos e todas as nações, a fim de que todos os indivíduos e todos os órgãos da sociedade, tendo-a constantemente no espírito, se esforcem, pelo ensino e pela educação, por desenvolver o respeito desses direitos e liberdades e por promover, por medidas progressivas de ordem nacional e internacional, o seu reconhecimento e a sua aplicação universais.”*

Globalmente, há, na actualidade, um outro olhar sobre o fenómeno relativo à velhice e ao envelhecimento, circunstância que se inscreve no impacto produzido pelos Planos de Acção Internacional de Viena (1982),

de Madrid (2002) e da expansão institucional da gerontologia, cuja motivação é a de “promover modelos de intervenção gerontológicos adequados às necessidades reais da população geronte e da própria sociedade” (Palmeirão, 2007b, p. 63). Definitivamente, o que se pretende é fazer nascer uma consciência mais esclarecida e estreitar vínculos de cooperação capazes de melhorar a vida das pessoas. Nesse pressuposto faz sentido pensarmos a educação intergeracional, enquanto processo de capacitação da pessoa para o pleno exercício da sua civilidade, da eliminação dos preconceitos por razões de idade e contra o medo do nosso envelhecimento. Ou seja, uma via nova para a edificação de uma solidariedade intergeracional propícia ao desenvolver e fortalecer a equidade e a reciprocidade entre as gerações.

Aperfeiçoar competências interpessoais

A Educação Intergeracional, compreendida no seu âmbito mais abrangente é um processo que visa o desenvolvimento e aperfeiçoamento das competências humanas, das relações entre gerações e, contemporaneamente, de “uma consciência intergeracional” (Sáez Carreras, 2002, p. 111) capaz de recriar responsabilidades e propiciar elos de solidariedade alternativos às práticas comuns de convivência geracional (Palmeirão, 2007b, p. 80).

No presente, a comunicação humana está marcada por elementos e estruturas que aceleram a mobilidade e a movimentação dos indivíduos ao longo de fronteiras (reais e virtuais) dantes intransponíveis. Todavia, a relação entre cidadãos torna-se mais distante e os seus laços mais atenuados (Palmeirão, 2008, p. 85). É verdade que o mundo actual beneficia da uma gigantesca e veloz rede de conexões. Porém, insuficientes para gerar oportunidades e vínculos consistentes com os propósitos de uma sociedade mais humana e “efectivamente catalisadora da multirreferencialidade do humano (Carvalho, 2000, p. 117). Cabe, assim, procurar novas dimensões de socialização, de educação

¹. Docente da Faculdade de Educação e Psicologia/UCP

e de interacção, onde se oferecem oportunidades reais de contacto e onde à imprevisibilidade da sociedade actual se contrapõe uma atitude de vida mais desafiadora e aberta à mudança. O desenvolvimento da humanidade resulta de um movimento contínuo de aprendizagem ao longo da vida e onde o respeito pela vida de todas as pessoas evidencia a importância da educação na sua perspectiva mais global.

Pensar a velhice e a pessoa idosa de forma mais esclarecida e mais positiva são alguns dos pressupostos da Educação Intergeracional e, nesse sentido, importa não esquecer que está ainda por conseguir uma verdadeira cultura de ancianidade. “A pensar os dias futuros, a questão que se coloca é a de apreender e explicar o processo gradual da ancianidade e, simultaneamente, potenciar lugares facilitadores de participação e educação entre gerações” (Palmeirão, 2007b, p. 89).

De todo o modo, as práticas de educação e de intervenção intergeracional são uma realidade já bastante conhecida e em crescimento nas principais cidades do mundo (e.g. Foyster, 2001; Jelenec, Petra & Steffens, Melanie C, 2002; Lambrinou, Sourtzi, Kalokermou & Lemonidou, 2005; Meshel & McGlynn, 2004). No plano nacional, os programas de educação intergeracional são ainda exíguos. Apesar disso, são excelentes apontadores de mudança e do romper de uma outra consciência fase à problemática das sociedades multigeracionais (Quadro 1).

Aprendizagens sentidas

Investigar de que forma a interacção geracional promove o conhecimento e possibilita o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações foi o repto apontado ao grupo de trabalho⁶ criado com o propósito de consubstanciar um desejo gerado a partir da nossa prática lectiva. O projecto Redes de Encontro Intergeracionais é um projecto de natureza sociopedagógica, desenvolvido durante o ano lectivo de 2005/2006⁷. Entre adultos e crianças, o número de pessoas participantes, no Redes de Encontro Intergeracionais, ultrapassou a meia centena⁸. O programa decorreu de forma sequencial, invocando para o efeito uma estratégia eclética (Creswell, 2002, Sousa, 2005, Palmeirão, 2008, p. 87) enquanto filosofia de acção entre o desenvolvimento do programa curricular (da escola e do lar) e as acções definidas pelos participantes (juniores e seniores). Das aprendizagens na sala de aulas, visitas, encontros, momentos de convívio, teatro, dramatização, declamação e leitura resultam momentos ímpares de interacção e de aprendizagem activa (Fotos, 1, 2 e 3).

Sessão a sessão, os testemunhos confirmam, de forma peremptória, o poder da educação Intergeracional como mediador e facilitador do processo de aprendizagem intergeracional, enquanto acção ajustada para gerar novas formas de pensar a pessoa idosa e de potenciar as relações intergeracionais (Palmeirão, 2007b, p. 205-283) (Fotos 4, 5 e 6).

Das narrativas dos participantes directos e indirectos (crianças, pessoas idosas, professores, pais e mães e colaboradores do lar) sobrevêm considerações significativas sobre a validade sociopedagógica da educação intergeracional enquanto via possível para aproximar idades e gerações de forma esclarecida e sentida. A educação intergeracional é, nas palavras dos pais e mães dos meninos e meninas participantes nas

Quadro 1 - Dimensões Nacionais

Contexto	Designação	Objectivo
Escolar	Os idosos revisitam a escola ²	- Promover o relacionamento entre diferentes gerações; - Criar momentos de partilha de saberes e experiências; - Valorizar a pessoa idosa.
	Venha aprender connosco e ensinar-nos também o que sabe ³	- Motivar e responsabilizar um grupo de jovens; - Criar momentos de oportunidades relacionais.
Comunitário	Aconchego ⁴	- Inibir a desertificação da baixa portuense; - Combater a solidão da população idosa.
	Clube da Vida Local ⁵	- Promover acções de sensibilização. - Construir espaços de partilha entre gerações.

Fonte: Palmeirão, C. (2007b), p. 113

Redes de Encontro Intergeracionais, “a valorização das aprendizagens mútuas entre as crianças e os idosos” e, obviamente, “a aprendizagem da amizade e da solidariedade”, traduzida de forma clara na vontade de “continuar a visitar as pessoas mais velhas” e, ainda, no contentamento que as crianças exteriorizavam nos dias em que acolhiam ou visitavam os «seus mais velhos amigos».

No final fica um pensamento e um conhecimento diferente a propósito da velhice e do envelhecimento. Das composições elaboradas pelas crianças os escritos revelam detalhes e uma mensagem muito mais positiva quer no que respeita à atitude das próprias crianças, quer à escola, quer e aos próprios idosos. E, de uma imagem «vestida» de estereótipos e de vulnerabilidades, emerge uma imagem física e social mais activa e menos fragilizada. No caso dos adultos os testemunhos são positivos e muito optimistas em relação às oportunidades criadas a partir da intervenção e da educação intergeracional, nomeadamente, no eclodir de uma nova atitude e responsabilidade para com as pessoas idosas. A “aproximação saudável entre várias gerações” é, de facto, um excelente contributo em prol de uma sociedade inclusiva afirma a mãe de uma das «nossas» crianças e, “um contributo essencial para a melhoria dos sentimentos de auto-estima e integração social dos nossos idosos” explica a responsável do lar onde residem os senhores e as senhoras idosas.

A propósito das mudanças experimentadas e/ou sentidas as respostas não podiam ser mais positivas. Todos os participantes que tivemos oportunidade de auscultar referiram que foi um tempo diferente de aprender e de conviver com diferentes idades e gerações. António Margarido, um dos senhores idosos participantes no projecto testemunha que:

A valorização deste projecto, deve continuar, e eu já vá montando notícias escolares, trata-se de um diálogo com a vida, com bastante interesse. Não é o hábito que faz o tempo, mas a senhora que faz o tempo, quem o bom amigo, para mim foi bastante bom, e com bastante, estes, não senti falta de movimento, o plano está bastante bom. Gostei-me ao fim da vida, de a doença, que temo, porque temo muito medo de continuar, porque não muito para dizer. Desejo as maiores felicidades para todos. Até breve

Bibliografia

- Baptista, I. (2008). *Pedagogia Social: uma ciência, um saber profissional, uma filosofia de acção. Cadernos de Pedagogia Social. Educação e Solidariedade Social*. Lisboa: UCP, p. 7-30
- Carvalho, A. (2000). *A contemporaneidade como utopia*. Porto: Edições Afrontamento
- Estivil, J.; Veiga, F.; Albergaria, A.C. & Vicente, M. J. (2006). *Pequenas experiências, grandes esperanças*. Porto: REAPN
- Foyster, E. (2001). Parenting was for life, not just for childhood: the role of parents in the married lives of their children in early Modern England. *The Historical Association*. Published by Blackwell publishers. USA
- Jelenec, P. & Steffens, M. C. (2002). Implicit attitudes toward elderly woman and men. 2: p.15-22
- Lambrinou, E.; Sourtzi, Kalokerinou, A. & Lemonidou, C. (2005). Reliability and validity of the Greek version of Kogan's Old People Scale. *Journal of Clinical Nursing*, 14, p. 1241-1247
- Meschel, D. S. & McGlynn, R. P. (2004). Intergenerational contact, attitudes, and stereotypes of adolescents and older people. *Educational Gerontology*, 30, p. 457-479
- Pereira, M. (1999). «Etarização» e intervenção social. *Intervenção Social* (20), Lisboa: ISSS
- Palmeirão, C. (2008). A educação intergeracional no horizonte da Educação Social: compromisso do nosso tempo. *Cadernos de Pedagogia Social*. Lisboa: UCP, p. 81-100
- Palmeirão, C. (2007). O esforço do nosso tempo. Aprender na e com a vida as respostas da Pedagogia Social. *Cadernos de Pedagogia Social*. Lisboa: UCP, p. 125-134
- Palmeirão, C. (2007b). *A interacção geracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações*. Porto: FPCEUP (Tese de Doutoramento)
- Palmeirão, C. (2002). Derrubar para mudar. Terceira idade: uma questão para a Educação Social. *Educação Social*. Porto: UPT, p. 35-49
- Sáez Carreras, J. (2002). Hacia la educación intergeneracional. Concepto y posibilidades. *Pedagogia social y programas intergeracionales: Educación de personas mayores*. Archidona, Ediciones Aljibe, p. 99-112
- Rosa, M.J. & Vieira, C. (2003). *A população portuguesa no século XX*. Lisboa: ICS

2. Projecto desenvolvido no Concelho de Santa Maria da Feira, realizado por crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico e pessoas idosas, 2001.
3. Projecto desenvolvido no ano lectivo 2002/2003, pela Escola Básica EB2,3 de Gomes Eanes de Azurara, em Mangualde.
4. Programa Intergeracional Comunitário, iniciado em 2003/2004 na Cidade do Porto, trata-se de um Programa da responsabilidade da Fundação para o Desenvolvimento Social do Porto, Federação Académica do Porto e Câmara Municipal do Porto.
5. Projecto inserido na dinâmica do Clube da Vida Local - tipologia de Projecto 4.4.3.1. - Sistemas de Apoios Técnicos e Financeiros às Organizações Não Governamentais - Pequena Subvenção, integrada na medida 4.4. - Promoção da Igualdade de Oportunidades entre Homens e Mulheres do Programa Emprego, Formação e Desenvolvimento Local.
6. Estivil, J.; Veiga, F.; Albergaria, A.C. & Vicente, M. J. (2006). *Pequenas experiências, grandes esperanças*. Porto: REAPN
7. Elaborado no âmbito da nossa tese de doutoramento.
8. O Grupo de Intervenção juvenil contava 20 crianças - 9 raparigas e 11 rapazes e o grupo sénior contava 5 mulheres e 5 homens maiores de 65 anos de idade, sendo a média de idades de 76,2 anos (Palmeirão, 2007b, p. 213).



Fotos 1, 2 e 3 - Momentos de interacção na sala de aula e no lar

Fotos 4, 5 e 6 - Testemunhos de relações intergeracionais